

THE ARROWMAKER: O HOMEM QUE FAZIA FLECHAS¹

NAVARRE SCOTT MOMADAY²
KIOWA

A história do homem que fazia flechas, “o homem feito de palavras”, talvez seja a primeira história que me foi contada. Meu pai adorava contá-la para mim, e eu adorava ouvi-la. Na minha experiência, ela continua sendo uma história intensamente vital, não apenas por ser um exemplo sublime do ideal do guerreiro – uma história de aventura no melhor estilo –, mas também por ser uma história sobre histórias, sobre a eficácia da linguagem e sobre o poder das palavras. Ninguém chega ao fim de uma narrativa como essa. A história do homem que fazia flechas me acompanha há muitos anos, e tenho certeza de que ainda não compreendo todas as suas implicações de sentido. E nem espero compreendê-la desse modo. As histórias que carrego comigo

¹ Tradução de Bianca Pasqualini.

² Nenhuma discussão sobre a literatura indígena norte-americana pode começar sem prestar o devido reconhecimento à figura proeminente de N. Scott Momaday. Poeta, ensaísta, pintor, romancista, Momaday, de ascendência Kiowa, recebeu o prêmio Pulitzer em 1968 pelo seu romance *House Made of Dawn* [Casa feita de amanhecer], trazendo, assim, visibilidade à escrita indígena. De fato, a escrita indígena nem sempre condiz com os parâmetros de gêneros discursivos dominantes. É comum a mescla de narração de histórias com autobiografia, pedagogia, cartografia, história, filosofia, para citar apenas alguns dos gêneros que a cultura ocidental disciplinou separadamente. Dessa forma, Momaday foi pioneiro no seu tratamento da tradição oral na escrita, uma vez que, através da sua inegável capacidade artística inovadora, facilitou nossa compreensão de como esses elementos se encontram conectados pela “longa história do povo”. Unindo narração e comentário, filosofia da linguagem e celebração da tradição oral, Momaday destaca o poder da imaginação na compreensão de si mesmo em relação ao universo em que está inserido e às relações ali estabelecidas. O ensaio a seguir, retirado da sua coletânea *The Man Made of Words: Essays, Stories, Passages* [O homem feito de palavras: ensaios, histórias, passagens], ilustra bem o papel central da linguagem em Momaday; linguagem essa que, além de ser rica em imagens, também sugere o vocabulário crítico que tem norteado as discussões de uma crescente teoria de autoria indígena, que assume cada vez mais para si a construção dos termos epistemológicos necessários para uma compreensão profunda do poder da palavra indígena (MARTA RAMOS OLIVEIRA).

diariamente são as que revelam seu espírito cada vez mais ao longo do tempo.

Se bem-feita, uma flecha terá marcas de mordida. É assim que se sabe. Os Kiowas faziam flechas finas e as mordiam para deixá-las retas. Eles então levavam as flechas ao arco para verificar se estavam retas.

Certa vez, havia um homem e sua esposa. Eles estavam sozinhos à noite em sua tenda. À luz do fogo, o homem fazia flechas. Após algum tempo, ele notou algo. Havia uma pequena abertura na tenda onde dois pedaços de couro cru haviam sido costurados. Alguém do lado de fora espiava para dentro. O homem seguiu trabalhando, mas disse à esposa:

- Há alguém lá fora. Não se assuste, vamos conversar, calmos, como se falássemos de assuntos corriqueiros.

Ele pegou uma flecha e a endireitou com os dentes. Em seguida, como era costume, levou a flecha ao arco e mirou primeiro numa direção e depois noutra. Ele falava o tempo todo, como se estivesse dirigindo-se à esposa. Mas falava assim:

- Eu sei que você está aí fora, pois sinto seus olhos sobre mim. Se você é um Kiowa, você entenderá o que digo e dirá seu nome.

Mas não houve resposta, e o homem continuou fazendo o mesmo de antes, apontando a flecha para todos os lados. Até que sua mira recaiu sobre o lugar onde o inimigo estava, e ele disparou a flecha. Ela entrou direto no coração do inimigo.

Até muito recentemente, a história do homem que fazia flechas pertencia a poucos, um elo frágil naquela corrente muito antiga de linguagem a que chamamos tradição oral; frágil porque a própria tradição parece ser frágil, pois, por mais que seja narrada, a história está sempre a uma geração de ser extinta. Ou seja, não é nem mais nem menos durável do que a voz humana, e nem mais nem menos preocupada em expressar o sentido da condição humana.

A história do homem que fazia flechas é uma extraordinária proeza da imaginação, uma façanha de palavras e sentidos completamente simples e direta, ainda que rara e profunda, e ilustra com mais clareza do que qualquer coisa, na minha própria experiência, algo essencial da natureza da imaginação - e em particular da personificação que nesse caso emerge: o homem feito de palavras.

É importante que a história do homem que fazia flechas retorne

sobre si mesma de um modo especial. Ela trata, afinal, de linguagem e, portanto, é parte integrante do próprio assunto. Não há praticamente nenhuma diferença entre a narração e o que é contado. O cerne da história não está somente naquilo que o homem que fazia flechas faz, mas no que ele fala – e, na verdade, *no fato de que* ele fala. O fator principal é que ele fala, e ao falar coloca sua própria vida em risco.

É esse o aspecto da história que mais me interessa, pois é aqui que a linguagem se torna mais consciente de si mesma; é aqui que ficamos muito próximos da origem e do objeto da literatura; é aqui que nossa percepção da dimensão verbal torna-se aguçada, e ficamos conscientes de algo na natureza da linguagem que é ao mesmo tempo perigoso e irresistível. “Se você é um Kiowa, você entenderá o que digo e dirá seu nome.” Ele arrisca tudo nessa simples declaração, que é também uma pergunta e um apelo.

É precisamente nesse instante que o homem que fazia flechas se realiza por completo, e sua realidade consiste em linguagem. Implícitos em seu discurso simples estão toda a definição e todo o destino daquele homem, e, por conseguinte, também os nossos. Ele se arrisca a falar porque precisa; a linguagem é o repositório de todo o seu conhecimento e representa sua única chance de sobrevivência. Instintivamente e com grande cuidado, ele lida com as palavras do modo mais honesto e básico possível. “Vamos conversar, calmos, como se falássemos de assuntos corriqueiros”, ele diz. E daquele desconhecido ameaçador ele pede apenas que pronuncie um nome, somente um mísero sinal de que foi compreendido, que uma palavra ou sílaba lhe seja devolvida no limite preciso do sentido. Mas não há resposta, e o homem que fazia flechas descobre nesse instante o que não sabia até então: que o inimigo existe, e está presente, e que ele, o homem que fazia flechas, ganhou uma vantagem crucial sobre o outro. Não há dúvida de que as palavras do homem que fazia flechas revelam com clareza o perigo. Aquela presença do lado de fora é decididamente inimiga; por duas vezes o narrador assim afirma. O risco é total e irrevogável, e termina com a restauração da ordem e do bem-estar.

A história é significativa. E é assim porque é na natureza da linguagem que a história procede à formulação de significados. Além disso, a história do homem que fazia flechas centra-se, sobretudo, no

cortejo de palavras rumo à significação. Ela parece mesmo girar em torno da ideia de que a linguagem envolve elementos de risco e responsabilidade; e a partir disso a história procura confirmar a si própria. Em poucas palavras, ela parece dizer: tudo é risco. Isso pode ser verdade, e pode ser também que a literatura como um todo baseie-se nessa verdade.

A história do homem que fazia flechas é metafórica, e num grau supremo; de fato, ela é muito pontual e incisivamente uma história sobre histórias; ela é tanto um exemplo quanto uma definição de literatura. É complexa, mas, no entanto, é clara; parece revelar mais e mais de si com o passar do tempo. Ela é clara, ainda que haja uma certa resistência nela, como numa charada; é riquíssima nesse sentido. É um tipo de prisma.

O homem que fazia flechas é, antes de mais nada, o homem feito de palavras. Ele se consuma ao existir na linguagem; é o mundo de sua origem e de sua posteridade, e não há nenhum outro. Mas é um mundo com realidade definida e possibilidades infinitas. Passei a acreditar que, em um certo sentido, o homem que fazia flechas tem uma qualidade existencial que é mais viável que a dos homens em geral: seu direito de existir é quase perfeito. Podemos imaginá-lo, e ele imagina a si mesmo, completo e vital, avançando na escuridão desconhecida e no que está além.

E, no entanto, a história conta que ele é cauteloso e solitário, e somos levados a entender que ele corre um perigo imenso e imediato, o qual ele confronta da única maneira que pode. Não tenho dúvidas de que isso é verdade. A linguagem determina o homem que fazia flechas, e a história dele determina a nossa experiência literária.

Um comentário, então, sobre uma ironia essencial que pontua a história e dá uma substância peculiar ao homem feito de palavras. O narrador é anônimo e iletrado. Sabemos muito pouco sobre ele, exceto que está presente na história e nela se mascara. E isso basta. Ele narra a própria vida através da linguagem, e os riscos envolvidos. Chegamos a pensar que ele é uno com o homem que fazia flechas, e que ele sobreviveu a outros homens por meio da palavra. Para o narrador, para o homem que fazia flechas, a linguagem realmente representa a única chance de sobrevivência. É pertinente que sobreviva em nossa época e

que tenha sobrevivido por incontáveis gerações.
